

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

Peter Burke

O ponto de partida deste artigo é uma insatisfação com a visão tradicional sobre seu tema. Todos os estudiosos do Renascimento sabem que Jacob Burckhardt afirmou que no Renascimento ocorreu “um desabrochar do indivíduo”, e sabem que ele ilustrou sua afirmação com o fenômeno da ascensão da biografia (inclusive a autobiografia).¹ Outro fato quase tão conhecido é que depois de Burckhardt aconteceu uma “revolta dos medievalistas” contra a visão negativa que ele teve da Idade Média, incluindo-se aí a idéia de que faltou a esse período histórico um sentido de individualidade.² Afinal de contas, podemos encontrar biografias, se não, como já foi dito, “em todas as épocas e países”, ao menos em muitas culturas e períodos. Entre as biografias medievais mais citadas nesse contexto estão as de Luís VI por Suger, de Luís IX por Joinville e de Luís XI por Comynes, as vidas de Guilherme Marechal e de Bayard, anônimas, e, mais ao norte, as vidas dos reis nórdicos, escritas na Islândia do século XIII por Snorri Sturluson. Podemos acrescentar as vidas do Rei Alfredo por Asser e de Santo Anselmo por Eadmer, e as de São Tomás de Aquino e São Francisco escritas no século XIII.³

Nota: Esta tradução é de José Augusto Drummond, revista por Dora Rocha.

Quero adotar uma abordagem distinta neste ensaio. Meu ponto de partida é uma experiência pessoal, mas não acredito que ela seja peculiar a mim. Quando lemos as biografias do Renascimento, ao invés de apenas consultá-las em busca de informações ou citações, é difícil evitar uma sensação de estranhamento, um desconforto gerado pela frustração de nossas expectativas. O problema é que essas biografias não são (ou não são inteiramente) biografias no sentido que damos ao termo. Elas não discutem o desenvolvimento da personalidade, freqüentemente ignoram a cronologia e em geral introduzem materiais aparentemente irrelevantes, dando uma impressão de ausência de forma. A vida de Dante por Boccaccio, por exemplo, foi criticada por um estudioso por estar “sobrecarregada de anedotas”.⁴

O que mais desconcerta o leitor é que esses textos estão repletos de *topoi*, anedotas sobre uma pessoa já contadas sobre outras pessoas. Niccolo Valori contou histórias sobre Lorenzo de Medici (as previsões de sua morte, por exemplo) que no mínimo lembram Suetônio e suas vidas dos Césares. No esboço biográfico do mesmo Lorenzo contido na sua *História de Florença*, Maquiavel mencionou o gosto do biografado por “jogos infantis”, fato destacado por Suetônio sobre Augusto, e por Plutarco sobre Agesilau. De novo, em sua biografia de Castruccio Castracani de Lucca, Maquiavel colocou na boca do protagonista frases espirituosas que Diógenes Laércio dissera sobre o filósofo antigo Aristipo. Vasari conta histórias de pinturas de Piero della Francesca, por exemplo, equivocadamente tomadas como sendo reais, histórias que são paráfrases de anedotas sobre antigos pintores gregos contadas por Plínio em sua *História natural*. A história sobre como o cardeal Granville ditava simultaneamente para diversos secretários é o eco de uma anedota que tanto Plínio quanto Plutarco escreveram sobre Júlio César. Os historiadores se acostumaram ao fato de escritores medievais usarem *topoi* dessa natureza, tal como acontece no famoso caso da vida de Carlos Magno por Einhard, que adorna o biografado com as características heróicas de vários imperadores romanos, inclusive tomando de empréstimo expressões como *corpore fuit amplo atque robusto*. Mas como puderam os escritores do Renascimento ignorar a individualidade dessa maneira? O problema se assemelha ao do uso da mesma matriz de madeira para imprimir retratos de indivíduos diferentes nos livros impressos dos séculos XV e XVI.⁵

Os historiadores ficam desconcertados quando manuseiam esses textos do passado, mas certamente deveriam evitar – e nem sempre evitaram – a tentação de desprezar seus autores como incompetentes. O desafio é dar uma interpretação positiva aos aspectos da biografia renascentista até agora considerados negativos (fatos sem relevância, falta de sensibilidade à mudança etc.). Neste ponto, há duas perguntas importantes a serem feitas. Em primeiro lugar,

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

perguntas sobre o próprio gênero. O que pensavam os contemporâneos sobre a forma e a função do que nós chamamos de “biografia”? Em segundo lugar, o que essas idéias e pressupostos sobre a biografia nos dizem sobre suas visões do indivíduo, ou sobre toda a sua cultura? Seguindo os conselhos de Robert Darnton, podemos usar nossa sensação de estranhamento como um ponto de partida para “captar a condição do outro”, para explorar certas diferenças entre o presente e o passado, inclusive a mutante “categoria da pessoa”.⁶

Esta será a estratégia adotada neste ensaio. Depois de uma breve revisão da ascensão da biografia na Europa do Renascimento, discutirei as regras contemporâneas do gênero e sua relação com a cultura mais ampla, para concluir com a análise de alguns poucos textos, com certo nível de detalhamento e – assim espero – com alguma profundidade.

I

Desde Burckhardt, foram relativamente poucos os estudos feitos sobre a biografia renascentista – por oposição à autobiografia –, e isso apesar do fato de certos textos do período, especialmente as coleções de biografias escritas por Vespasiano da Bisticci e Giorgio Vasari, terem sido usadas inúmeras vezes como “fontes”.⁷ De toda forma, esse período histórico testemunhou um perceptível aumento do interesse tanto pela escrita quanto pela leitura de biografias, primeiro na Itália e depois em outros lugares.

A parte italiana da história é a mais bem conhecida. Tal como em outros campos do Renascimento, o ponto de partida evidente é Petrarca, neste caso com sua coleção de vidas de romanos famosos e outros, *De viris illustribus*. Depois veio Boccaccio, com sua coleção de vidas de mulheres famosas, *De claris mulieribus*, e as vidas individuais de Dante e Petrarca. No século XV, as coleções de vidas incluíram *De viris illustribus* de Fazio, *Vitae Pontificum* de Platina, as memórias de Vespasiano sobre os homens famosos que conheceu, e o livro de Foresti sobre mulheres famosas (1497), incluindo as humanistas Isotta Nogarola e Cassandra Fedele. Houve ainda biografias individuais: o humanista Leonardo Bruni escreveu biografias de Aristóteles, Cícero, Dante e Petrarca, enquanto Guarino escreveu sobre Platão e Giannozzo Manetti sobre Sócrates e Sêneca. Entre os contemporâneos cujas vidas foram narradas individualmente figuram Nicolau V, Alfonso de Aragão, Filippo Maria Visconti, Cosimo de Medici, o arquiteto Brunelleschi, o humanista Pomponio Leto e o *condottiere* Braccio da Montone.⁸

Na Itália do século XVI, a biografia se tornou um componente ainda mais importante da paisagem cultural. Hoje em dia, muitas pessoas se lembram principalmente das vidas de artistas escritas por Vasari, mas os contemporâneos

provavelmente preferiam as biografias de soldados e sultões escritas por Giovio, seguidas das mulheres retratadas por Betussi, que atualizaram Boccaccio ao incluir (entre outras) Isabella d'Este e Margarida de Navarra. As biografias individuais escritas nesse período incluem as de Corsi sobre Ficino (1505), de Maquiavel sobre Castruccio Castracani (1520), de Sansovino sobre Boccaccio (1546), de Giovio sobre Leão X (1548), de Condivi sobre Miguel Ângelo (1553) e de Pigna sobre Ariosto (1554). A essa altura, no entanto, o gênero biográfico estava crescendo rapidamente também fora da Itália.

Antes de 1500 há poucos representantes do gênero a registrar do outro lado dos Alpes. Rudolf Agricola escreveu uma vida de Petrarca, e Hernando Pulgar escreveu sobre os "homens famosos de Castela". A vida de Henrique V da Inglaterra foi retratada num livro escrito não por um inglês, mas por um italiano expatriado, Tito Livio Frulovisi (pupilo de Guarino da Verona), da mesma forma que a vida do bispo polonês Gregorz de Sakok foi escrita por outro humanista italiano, Filippo Buonaccorsi "Callimaco". Depois de 1500, no entanto, a situação muda. A vida de Jerônimo por Erasmo, publicada em 1516, foi ao mesmo tempo um sintoma de e um estímulo para um novo interesse pelo gênero. A vida de Erasmo foi escrita em 1540 pelo humanista Beatus Rhenanus, e o próprio Beatus se transformaria no herói de uma biografia publicada onze anos mais tarde.

Na Inglaterra, as biografias incluem *Alexander Severus* (1541) por Sir Thomas Elyot; as vidas de Thomas More por William Roper e por Nicholas Harpsfield, e a do cardeal Wolsey por George Cavendish (as três foram escritas em torno de 1557, mas só foram publicadas muito mais tarde), e a vida de Philip Sidney por seu amigo Fulke Greville, escrita em torno de 1614. Na França, ou no mundo francófono, apareceram as biografias de Guillaume Budé, de Calvino, de Catarina de Medici, de Petrus Ramus e de Pierre Ronsard, e ainda as vidas dos "Grandes capitães" por Brantôme. Os poetas Hesus e Kochanowski, os artistas Dürer e Lombard, o reformador Melanchthon e o humanista Lipsius, todos tiveram seus biógrafos, para não falar nos santos como Vicente Ferrer e Inácio de Loyola, cujas vidas foram escritas no novo estilo humanista por Ransano e Ribadeneira.

Em alguns desses casos o modelo italiano é bem óbvio. O livro de Karel von Mander, *Schilderboek*, ou "Livro dos pintores" (1604), era uma imitação de Vasari, tal como Brantôme imitou Giovio. Os italianos também seguiam modelos. Petrarca provavelmente se inspirou no *De viris illustribus* de Jerônimo, e este por sua vez seguiu o modelo de Suetônio em suas vidas dos escritores romanos. Decembrio inspirou-se em Suetônio para escrever sobre Visconti. Giovio admitiu que imitava Plutarco. Suas vidas de generais seguiam os moldes de Cornélio Nepos, enquanto Vasari adaptou aos artistas o modelo de Diógenes Laércio para

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

os filósofos. A combinação da biografia com o retrato encontrada em Giovio e Vasari seguiu o modelo de *Imagines*, de Varro. Mesmo Brantôme, um soldado e não um escritor, estudou as traduções francesas de Plutarco e Suetônio e por vezes enxergou seus heróis e heroínas através dos olhos deles. Falar de modelos é falar de regras e convenções, e está na hora de tratar delas.

II

A primeira convenção: quem eram as pessoas cujas vidas eram consideradas tema apropriado para uma biografia? No mundo antigo predominaram governantes e filósofos, mas havia também um pequeno espaço disponível para generais e literatos. Cornélio Nepos escreveu não apenas sobre comandantes militares como Aníbal, mas também sobre Ático. Plutarco escreveu sobre Cícero, enquanto Suetônio e o gramático Donato escreveram sobre Virgílio. No Renascimento, como vimos, foram escritas biografias de governantes como Alfonso de Aragão e Cosimo de Medici, de escritores como Dante e Petrarca, de filósofos como Ficino e Pico e de *condottieri* como Niccolò Piccinino e Braccio Montone. A escolha de capitães de soldados mercenários como heróis pode parecer estranha hoje em dia, mas as biografias de Gattamelata por Donatello e de Colleoni por Verrocchio nos lembram que os *condottieri*, como os príncipes, mereciam estátuas em lugares públicos. O repertório agora se expandia para incluir mulheres e artistas (entre eles o compositor Josquin des Prez, cuja vida foi escrita pelo humanista suíço Glareanus). Os protagonistas de biografias incluíam ainda indivíduos de outras culturas, como no caso dos sultões de Giovio, ou do *Átila* (1537) do húngaro Miklós Oláh, um discípulo de Erasmo; do *Maomé* (1543) do alemão Widmanstetter; ou do *Tamerlão* (1553) de Perondinus.

As convenções das biografias renascentistas variavam de acordo com o seu contexto. Nesse período, tal como na antiguidade clássica, a morte de uma pessoa famosa era freqüentemente uma oportunidade para uma oração fúnebre que mais tarde talvez fosse publicada, o equivalente ao obituário nos dias atuais.⁹ A vida do *condottiere* Niccolò Piccinino (1444) por Pier Candido Decembrio, por exemplo, foi uma oração fúnebre, tal como *Ascham* (1576), de Grant, e *Camden* (1623), de Wheare.¹⁰ Algumas coleções de biografias tinham um objetivo didático: não apenas as vidas de santos, mas também as vidas de artistas por Vasari.

No entanto, o contexto da biografia ao qual quero dar mais ênfase tem sido curiosamente ignorado pelos estudiosos.¹¹ A partir de fins do século XV, era freqüente que as vidas dos escritores fossem escritas e publicadas como prefácios de suas obras. Por exemplo, as vidas dos antigos poetas romanos escritas por Pietro Crinito e originariamente publicadas como uma coleção em

1508, eram freqüentemente usadas para introduzir edições dos textos desses poetas (Estácio em 1515, Plauto em 1530, Claudiano em 1535, Horácio em 1545, e assim por diante). A biografia de Jerônimo por Erasmo foi colocada no início da edição das *Obras* do primeiro publicada em 1516 pelo impressor Froben da Basileia. Da mesma forma, a biografia de Erasmo por Beatus Rhenanus foi encomendada por Froben como um prefácio para a nova edição das *Obras* daquele. Novamente, a versão francesa da vida de Calvino por Theodore Beza foi publicada originariamente como prefácio ao comentário de Calvino sobre Josué, enquanto a tradução latina saiu como prefácio a um volume de cartas de Calvino. A biografia de Boccaccio por Sansovio foi escrita para a edição do *Decameron* (1546); a de Ariosto (1554), por Pigna, foi acrescentada às edições de *Orlando Furioso* a partir de 1556; o “Castiglione” de Marliani foi acrescentado a *O cortesão* (a partir de 1583); o “Ronsard” (1586), de Binet, às *Obras* reunidas do poeta. O “Chaucer” (1598), de Speght, foi escrito expressamente como um prefácio.

Esta questão do contexto da publicação não é trivial. Ela ilustra a ascensão do conceito da individualidade da autoria, o pressuposto de que as informações sobre um escritor nos ajudam a entender suas obras. Quase no mesmo momento, como que para sublinhar este ponto, tomou-se comum incluir o retrato dos autores nas suas obras, geralmente como frontispício, como nos casos de Ariosto (1532), Erasmo (1533), Petrarca (1536), Ronsard (1552), Vasari (1568) e Shakespeare (1623). Os versos acrescentados às gravuras por vezes explicavam o motivo. Sob o retrato de Ronsard lemos: “*Ici le corps, et l’esprit dans ses vers*”. Sob o de Shakespeare, os famosos versos de Ben Jonson sobre o artista, Martin Droeshout:

*O could he but have drawn his wit / Oh se ao menos
tivesse ele podido desenhar sua sabedoria*

*As well in brass, as he has hit / Tão bem quanto captou
no bronze*

*His face: the print would then surpass / Seu rosto: a
gravura então superaria*

*All that was ever writ in brass: / Tudo o que jamais foi
gravado no bronze*

*But since he cannot, reader, look / Mas já que ele não
pode, leitor, presta atenção*

*Not on his picture but his book. / Não à sua imagem, mas
ao seu livro.*

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

Cinco outros pontos relativos às convenções da biografia renascentista podem ajudar a revelar a estrutura que subjaz àquilo que julgamos ser textos amorfos, digressivos ou fragmentados.¹²

i. Embora algumas biografias tivessem organização cronológica, como no caso das vidas de More por Roper e de Calvino por Beza (que na sua versão em latim tinha datas impressas nas margens), a estrutura normal era temática ou tópica.¹³ Assim, o Dante de Boccaccio vai da vida para a poesia e da poesia para anedotas sobre sua pessoa. A biografia de Erasmo por Beatus Rhenanus se preocupa com a vida, a fama, os livros, a morte, a aparência e a personalidade do herói. A organização das Vidas de Vasari segue um padrão geral de descrever origens, formação, trabalho, alunos, personalidade e epitáfio funerário.¹⁴

ii. Profecias sobre a grandeza futura do herói são um tema recorrente nas biografias renascentistas, tal como nas vidas dos santos medievais ou dos grandes homens da antiguidade. Plutarco citava o comentário de Cipião sobre a carreira futura de Mário e a visão que a ama de Cícero teve a respeito do futuro da criança. Da mesma forma, Boccaccio conta a história dos sonhos da mãe de Dante. Beatus Rhenanus cita a profecia que Zinthius comunica ao jovem Erasmo, de que “algum dia alcançarás o pináculo da sabedoria”. A vida de More por Roper registra a referência do cardeal Morton a “essa criança” que “será um homem maravilhoso”. Vasari cita o mestre de Miguel Ângelo, Domenico Ghirlandaio, que teria dito: “Este menino sabe mais do que eu”, e conta, numa biografia atrás da outra, histórias de crianças que já mostravam sinais de suas futuras habilidades artísticas.

iii. Tal como nas narrativas históricas sobre o período, uma atenção considerável é dispensada pelas biografias a eventos que os historiadores modernos (pelo menos até recentemente) deixariam de lado como “meros rituais”. Os leitos de morte, por exemplo, descritos de maneira dramática e patética, ganham espaço considerável, correspondendo ao interesse dos contemporâneos pela última cena de uma peça biográfica. Se o protagonista ocupa um cargo público, os rituais ligados ao cargo podem ser descritos com detalhes cuidadosos, tal como na biografia de Wolsey por Cavendish, na qual há extensos trechos sobre banquetes, procissões, e sobre a cerimônia em que o protagonista recebeu seu chapéu de cardeal. O próprio Wolsey, que de acordo com Cavendish exibiu uma extrema preocupação com a “honra mundana dedicada à sua pessoa”, não teria desgostado da descrição, mas os leitores do século XX podem muito bem sentir vontade de pular esses trechos “irrelevantes”.¹⁵

iv. Existem paralelos entre o estilo da biografia renascentista e o estilo da ficção do período. Leonardo Bruni criticou a biografia de Dante por Boccaccio por estar “cheia de amor e suspiros e lágrimas ardentes”, tal como o romance *Filostrato* do próprio Boccaccio. Huizinga descreveu o *Jouvenel* (c. 1465) de

Jean de Bueil como um “romance biográfico”. Da mesma forma, a constância elogiada na biografia anônima de Lord Burghley – que será examinada abaixo – não é muito diferente da de Pamela, conforme descrita por Sir Philip Sidney alguns anos antes em sua *Arcadia*. Como nos livros de chistes e nas novelas, há uma abundância de anedotas nas biografias escritas nessa época, e seu objetivo era revelar dados sobre a personalidade dos biografados. Roper conta a história de como More brincava diante de sua própria execução. Vasari descreve como Donatello não se importava com dinheiro: “Ele guardava todo o seu dinheiro numa cesta pendurada no teto por uma corda, e todos os seus ajudantes e amigos podiam pegar o quanto quisessem sem pedir.” Fulke Greville conta a famosa “história da garrafa de água”, segundo a qual Sidney, na hora da morte, ofereceu um gole a um soldado ferido, dizendo: “Tua necessidade é maior que a minha.” Essas anedotas são freqüentemente dramáticas na forma e incluem muitos diálogos em discurso direto.

v. Merece ser enfatizado o lugar ocupado em muitas biografias desse período pelas falas dos personagens e especialmente pelo diálogo. Alguns exemplos mais antigos podem, é claro, ser citados, como o Santo Anselmo de Eadmer, com suas “falas naturais e vívidas”.¹⁶ Contudo, o diálogo se torna cada vez mais freqüente e dramático nos textos do século XVI. Nas *Vidas* de Vasari o diálogo tem papel importante, como no caso da famosa resposta de Miguel Ângelo à pergunta do papa sobre quando ficaria pronta a Capela Sistina: “Quando eu puder [*quando potrò*].” A biografia de Wolsey por Cavendish destaca as “sentenças e afirmações brilhantes na câmara do conselho” proferidas por seu herói. A vida de More por Roper cita um bom número de suas frases, algumas das quais ficaram famosas, como a que disse para o seu executor: “Faça um bom serviço enviando-me lá para cima, pois na descida eu mesmo cuidarei de mim.” Em alguns casos, o diálogo é tão importante que se transforma no que podemos considerar um subgênero da biografia. Um dos primeiros exemplos desse estilo baseado em “ditos e feitos” está na biografia de Sócrates por Xenofonte, um modelo seguido por Antonio Panormita em sua biografia de Alfonso de Aragão, por Galeotto Marzio no seu texto sobre Matias da Hungria e por Baltasar Porreño ao escrever sobre Filipe II. Esse formato biográfico estava a poucos passos das coletâneas de frases ou das “conversas à mesa” de Lutero, ou dos textos de estudiosos como J. J. Scaliger e John Selden.

III

Mas o que exatamente era uma “biografia”? A esta altura é impossível fugir de uma abordagem filológica.¹⁷ Em inglês e em francês, *biography* ou *biographie* são

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

Alemanha, *Biographie* é do fim do século XVIII, embora *Lebensbeschreibung* possa ocasionalmente ser encontrado no século XVI. No entanto, a idéia de uma vida “escrita” pode ser encontrada na Idade Média. O termo *biographia* foi cunhado na Grécia no fim do período antigo. Antes disso, falava-se em escrever “vidas” (*biot*).¹⁸ Em sua biografia de Alexandre o Grande, Plutarco faz uma distinção importante entre escrever história narrativa e escrever “vidas”, como ele mesmo estava fazendo. Nas “vidas” havia espaço para abordar tanto a esfera privada quanto a pública, para descrever a personalidade individual através de pequenas pistas, “algo pequeno como uma frase ou um chiste” (Plutarco certamente merecia um lugar no famoso estudo de Carlo Ginzburg sobre tais pistas).¹⁹

Essa afirmação de Plutarco, tão relevante para o conceito do indivíduo único, é o tema central do restante deste ensaio. Será necessário, portanto, discutir a receptividade de Plutarco no Renascimento.²⁰ Distintamente das biografias escritas por Suetônio, as vidas descritas por Plutarco eram aparentemente desconhecidas na Europa Ocidental antes do fim do século XIV. Referências aos manuscritos de pelo menos algumas de suas vidas começam a surgir em Florença especialmente a partir do início do século XV, no círculo de Leonardo Bruni e Niccolò Niccoli. Eles eram conhecidos de alguns humanistas fora de Florença, entre os quais Francesco Filelfo, Guarino da Verona e Vittorino da Feltre. Foram traduzidos para o latim por Bruni, Filelfo e outros. Epítomes desses manuscritos foram feitos no século XV.²¹ Traduções para o italiano apareceram em 1482, para o espanhol em 1491, para o alemão em 1508, enquanto versões completas em latim apareceram em 1561 e 1564. A tradução francesa feita por Jacques Amyot (1559) e a tradução inglesa de autoria de Sir Thomas North (1579) tornaram-se famosas nas literaturas dos respectivos países.

A distinção feita por Plutarco entre história e biografia foi freqüentemente reafirmada nesse período. *Gesta Ferdinandi* de Lorenzo Valla (1445-6) foi criticado pelos contemporâneos por fazer referências às gargalhadas do rei e aos roncos de outro rei, sob o argumento de que ele deveria estar escrevendo história, que deveria ser mais dignificada que a biografia. Em 1451, Bartolommeo Facio invocou a distinção de Plutarco numa carta em que descrevia o livro que estava escrevendo sobre Alfonso de Aragão. Ela foi invocada de novo por Amyot no prefácio de sua tradução, explicando que a história se ocupa dos feitos dos homens, enquanto a função da biografia é esclarecer “*leur nature, leurs diis et les moeurs*”. Montaigne, em seus *Ensaio*s (livro 2, cap. 10), bateu na mesma tecla ao defender Plutarco contra seus críticos, elogiando-o por se preocupar com a vida interior (“*ce qui part du dedans*”), ao invés de se voltar para o acidente dos eventos externos (“*ce qui arrive au dehors*”).

Montaigne também enfatizou a afirmação de Plutarco de que gestos aparentemente banais oferecem pistas sobre a personalidade (*Tout mouvement*

nous decouvre). “Júlio César costumava coçar a cabeça com o dedo, o que é o gesto de um homem oprimido por pensamentos dolorosos; e Cícero, penso, tinha o cacoete de enrugar o nariz, o que é sinal de uma natureza debochada” (livro 2, cap. 17). Não é difícil explicar por que essas idéias foram tão atraentes para os autores teatrais renascentistas. Jodelle fez uso de Plutarco para o Marco Antônio de sua peça *Cleopatre* (1559), tal como Shakespeare no seu *Antônio e Cleópatra*.

No entanto, o entusiasmo dos renascentistas por Plutarco exige um comentário. Pode-se dizer que a época era propícia a redescobertas – mas talvez também houvesse condições propícias nos séculos XII e XIII. Sir Richard Southern descreveu a vida de Santo Anselmo por Eadmer como um exemplo de “biografia íntima”, tal como as vidas de São Francisco e São Luís do século XIII.²² Como Eadmer em relação a Santo Anselmo, Joinville não precisava se inspirar em Plutarco para fornecer detalhes íntimos de São Luís, citando suas frases, registrando sua “túnica simples de lã” e seus hábitos moderados, como o de misturar água ao vinho. No entanto, o livro de Plutarco era ao menos um estímulo para escrever daquela maneira, legitimando o interesse pela vida privada, a personalidade única e a aparência física dos indivíduos.

O Dante descrito por Boccaccio, por exemplo, tinha nariz aquilino, pele morena, expressão melancólica e boa memória. Bruni, depois de tratar das questões públicas do mesmo Dante, passa a detalhes domésticos, notando que o poeta era “um homem muito asseado de estatura modesta” que “falava lenta e infreqüentemente” e que tinha uma bela caligrafia. Já a biografia de Aristóteles, escrita pelo mesmo Bruni, se divide no que o próprio autor chama de duas “voltas” em torno da pista, a primeira dedicada à sua vida pública, a segunda tratando de detalhes como suas pernas finas, seus olhos pequenos, seu hábito de usar muitos anéis e assim por diante. O interesse das memórias de Vespasiano da Bisticci para os leitores modernos consiste em grande parte em detalhes igualmente coloridos, à maneira de Plutarco. Assim ficamos sabendo que Leonardo Bruni (tal como seu próprio herói Dante) “economizava as palavras” e se enfurecia facilmente, embora se acalmasse com igual rapidez. Giannozzo Manetti tinha uma memória maravilhosa e dormia apenas cinco horas por noite. O papa Eugênio IV gostava de ler na cama. O *connoisseur* Niccolo Niccoli gostava de usar finos tecidos vermelhos e tinha suas refeições servidas em “pratos lindos e antigos”.

IV

Três estudos de caso podem servir para ilustrar as principais características das biografias renascentistas: a biografia de Marco Aurélio por Guevara

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

(1528), a vida do poeta Ronsard por Binet (1586) e a biografia anônima de William Cecil, Lord Burghley (c.1600).

Antonio de Guevara era pregador na corte do imperador Carlos V, e seu *Libro Áureo de Marco Aurelio* tem algumas das características de um bom sermão.²³ Guevara se concentra na exemplaridade do imperador romano. Seu prólogo sublinha que um príncipe temente a Deus deve seguir os modelos de conduta do passado como os oferecidos por Licurgo, César, Alexandre, Trajano e Marco Aurélio. Dirigindo-se a Carlos V, Guevara o aconselha a adotar especialmente Marco Aurélio (apesar de ser pagão) como guia, amigo, mestre, exemplo e competidor. Os modelos clássicos do próprio autor (num texto que pretende ser uma tradução de um manuscrito recém-descoberto escrito por três dos professores do imperador) são Suetônio, Plutarco, Lívio, Salustiano e a coleção de biografias dos últimos imperadores romanos, agora conhecida como *Historia Augusta*.²⁴

A biografia em si mesma é dividida em 48 capítulos, dos quais apenas uns poucos são cronológicos. Há um capítulo sobre os estudos do imperador e outro sobre sua morte – seguido de mais nove capítulos sobre as “últimas palavras” e os conselhos do imperador moribundo, especialmente para seu filho. É de se presumir que Carlos V levou o livro a sério, pelo menos a parte final, pois deixou conselhos para seu filho Filipe que, em algumas passagens, são bem parecidos com a narrativa de Guevara sobre Marco Aurélio. O resto do livro se dedica a contar histórias que na maior parte ilustram a sabedoria de Marco Aurélio. Guevara devia saber o que chamava a atenção dos seus contemporâneos, pois seu livro teve enorme sucesso, ganhando traduções para o francês, o italiano, o inglês e o latim, além de numerosas edições em espanhol até o fim do século.

Guevara escreveria depois biografias mais curtas de outros imperadores romanos, num estilo similar. No caso de Adriano, por exemplo, podemos ver como ele enfeita a curta narrativa da *Historia Augusta* com detalhes da vida particular do imperador – sua aparência, seus bons costumes (*buenas costumbres*), seus maus hábitos (*malas inclinaciones*), inclusive a caça e o assédio às mulheres, e finalmente seus ditos espirituosos (aos quais a *Historia Augusta* já dedicara uma seção).

Os dois exemplos restantes são de biografias de contemporâneos, um do mundo dos negócios públicos, outro do mundo das artes. Em ambos os casos os biógrafos conheciam bem os seus heróis.

La vie de P. de Ronsard, de Claude Binet, começa com a alegação orgulhosa de que o poeta provinha de uma das mais nobres famílias da França. Por isso seus primeiros anos o levaram a frequentar cortes e missões diplomáticas (como acompanhante do embaixador). Seu pai, que escrevera poemas na

juventude, permitiu que ele estudasse a literatura clássica, mas o proibiu de ter livros em francês. No entanto, Pierre recebera ao nascer a “centelha” e uma inclinação inelutável para a poesia (*cette scintille & fatale impression pour la Poesie qu'on ne peut destourner*), e acabou se tornando poeta. Na Universidade de Paris, Ronsard estudava a primeira metade da noite e depois passava a vela para seu colega Baïf, para que este estudasse até de manhã. Como este resumo já deve ter deixado claro, há em Binet um enredo bem mais forte do que em Guevara, a história da descoberta de uma vocação, seguida do seu reconhecimento pelo rei e pelos outros.

Ainda assim, Binet pouco se interessa pela cronologia, e seu próprio editor reclama disso.²⁵ Do sucesso de Ronsard há na biografia apenas um pequeno passo até chegarmos à sua morte, mais uma cena de leito de morte descrita com detalhes luxuriantes. As páginas seguintes discutem a reputação de Ronsard, suas opiniões sobre a poesia e outros assuntos e seus hábitos, apresentando-o como um “autêntico cavalheiro francês”, um grande conversador e um apreciador da arte, da música e dos jardins.

O livro *Anonymous life of William Cecil Lord Burghley* foi escrito logo depois da morte deste estadista, por alguém que freqüentava sua casa e sua família, provavelmente seu secretário Michael Hicke.²⁶ A primeira sentença afirma o valor de se escrever sobre “as vidas virtuosas de homens valorosos” e é um indicador razoável do conteúdo. Em Guevara, a ênfase no exemplar quase apaga o homem Marco Aurélio. Em Binet, apesar da referência ao “autêntico cavalheiro francês”, predomina o indivíduo. Em *Life of Burghley*, o autor oscila entre os dois modelos.

No que diz respeito ao lado exemplar, Burghley é apresentado como um estadista sábio e temente a Deus, o “piloto perfeito” da nau do Estado, o “pai da comunidade”, trabalhador, amante da justiça, um homem que recusava subornos, um benfeitor para os pobres e um modelo de constância, aquela apreciada virtude do fim do século XVI: “nunca abalado pela paixão... nem radiante com as melhores [notícias] nem desconcertado pelas piores”. O leitor de outras biografias escritas no mesmo período não ficará surpreso ao saber que Burghley provinha de “uma linhagem muito antiga” (na verdade ele foi um *novus homo* que se esforçou bastante para disfarçar suas origens), nem que ele teve uma morte tranqüila, tendo a cena da “sua morte pia e cristã” sido descrita com relativa riqueza de detalhes.

No tocante ao indivíduo, o autor, que certamente conhecia Plutarco tão bem quanto Burghley, deixa de lado as “questões públicas” na metade de sua narrativa e passa a apresentar detalhes coloridos “da índole privada e da vida doméstica” de seu herói. Como no caso de Ronsard, somos contemplados com uma anedota que revela a determinação do jovem estudioso. No Saint John's

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

College, de Cambridge, Cecil “contratou o sineiro para acordá-lo às quatro horas todas as manhãs”. Mais tarde, “eu mesmo sou testemunha ocular de que nunca o vi inativo por meia hora durante o período de vinte e quatro anos que passamos juntos”. Ficamos sabendo sobre “o requintado conhecimento de grego” de Cecil, fato incomum em estadistas, e sobre sua atração (como Ronsard) por jardins. “Ele gostava muito de construir jardins, chafarizes e aléias”. No entanto, “sua distração principal eram seus livros”, e ele gostava de ler na cama. De acordo com o biógrafo, Cecil era um orador “espirituoso, agudo e substantivo”, e o texto termina com uma lista de 35 frases, tão banais e óbvias quanto as do Polônio de Shakespeare. Um bom exemplo dessas frases é: “A guerra se incendeia rapidamente, mas a paz é difícil de alcançar.” Um contraste com as frases de Castruccio Castracanti listadas por Maquiavel numa seção de sua biografia, mas uma lembrança final da importância que nesse momento se dava à idéia de que frases revelam a personalidade e de que a biografia oferece a seus leitores um rumo na estrada de suas próprias vidas.

V

Que tipo de categoria da pessoa revelam os textos aqui examinados? Não se trata tanto de uma categoria, mas sim de um conjunto de categorias, algumas delas morais (prudência, justiça, coragem, moderação, clemência, liberalidade e assim por diante), outras médicas (caráter sangüíneo, melancolia, cólera, fleugma). Duas diferenças principais se destacam entre as categorias renascentistas e as nossas.

Em primeiro lugar, a noção de exemplaridade.²⁷ A biografia de Filipe II por Baltasar Porreño ilustra com especial clareza essa noção, explicitando o que fica apenas implícito em muitos outros textos, já que o texto é organizado de acordo com categorias morais tais como “clemência”, “humildade”, “prudência” e assim por diante.²⁸ Evidentemente existe uma tensão, para dizer o mínimo, entre a idéia do indivíduo como exemplar e a idéia do indivíduo como único. A prática renascentista corriqueira de se referir aos príncipes em particular como um “novo Augusto”, um “segundo Carlos Magno”, e assim por diante, mostra claramente essa tensão.²⁹

Em segundo lugar, o pressuposto de que a personalidade é estática, o produto fixo de um equilíbrio de humores e, para alguns escritores, o resultado inevitável de uma constelação de fatores ligados ao nascimento. Daí a possibilidade de prever o futuro do herói. Este aspecto não é anulado pelo esquema cronológico encontrado em algumas poucas biografias do período. As circunstâncias externas mudam, simbolizadas pela roda da fortuna que estrutura a biografia de Wolsey por Cavendish.³⁰ Mas o herói não deve se perturbar com

isso. Ele ou ela devem exibir “constância”, como uma rocha ou uma poderosa árvore em meio a uma tempestade.

Quase todas essas observações poderiam se aplicar às biografias do século XVII. A preocupação com a “biografia íntima” dessa época, destacada por Donald Stauffer, já podia ocorrer, como vimos, desde séculos anteriores. Só no século XVIII se vislumbra uma mudança, com a noção de que a personalidade passa por um processo de desenvolvimento. Rousseau, nas suas *Confessions*, apresenta a sua própria vida dessa forma. O *Bildungsroman* como foi escrito por Goethe e outros seria inconcebível sem essa mudança de visão. Na escrita da história, mais ou menos na mesma época, foi detectada uma consciência do desenvolvimento da personalidade, nos últimos volumes de *Decline and Fall* (1788) de Gibbon, especialmente quando ele fala da impossibilidade de generalizar sobre Maomé, tantas eram as suas diferenças nos distintos estágios da sua vida: “se eu conseguisse delinear o seu retrato por uma hora que fosse, a débil semelhança não se aplicaria igualmente ao solitário do Monte Hera, ao pregador de Meca e ao conquistador da Arábia”.³¹ Do ponto de vista deste ensaio, quase podemos afirmar que o Renascimento durou até o século XVIII. Isso é verdadeiro pelo menos no que toca ao fascínio pelos heróis de Plutarco, que contaminou de Carlos XII a Benjamin Franklin, de Rousseau a Madame Roland.

Notas

1. Jacob Burckhardt, *Civilisation of the Renaissance in Italy* (1860), tradução inglesa de 1878, reeditada por Hamondsworth, 1990. Cf. Peter Bietenholz, *History and biography in the work of Erasmus of Rotterdam*, Genève, 1966, p. 51 e ss.
2. Wallace K. Ferguson, *The Renaissance in historical thought*, Cambridge, Mass., 1948, cap. x-xi. Cf. Colin Morris, *The discovery of the individual 1050-1200*, London, 1972; Aron Gurevich, *The origins of European individualism*, Oxford, 1995.
3. Richard W. Southern, *St. Anselm and his biographer*, Cambridge, 1963.
4. Roberto Weiss, *The spread of Italian humanism*, London, 1964, p. 66.
5. Peter Burke, “The Renaissance, individualism and the portrait”, *History of European Ideas*, 21 (1995), p. 393-400.
6. Robert Darnton, *The great cat massacre*, New York, 1984; Michael Carrithers et al., eds., *The category of the person*, Cambridge, 1985.
7. Bietenholz, *History and biography in the work of Erasmus of Rotterdam*; Thomas F. Mayer and Daniel R. Woolf, eds., *The rhetorics of life-writing in early modern Europe*, Ann Arbor, 1995; Patricia L. Rubin, *Giorgio Vasari: art and history*, New Haven, 1995.

A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista

8. Eric Cochrane, *History and historians in the Italian Renaissance*, Chicago, 1981, cap. 14; sobre Bruni, ver Edmund Fryde, "The first humanistic life of Aristotle", in *Florence and Italy*, ed. por Peter Denley and Caroline Elam, London, 1988, p. 285-96.
9. Cf. Robert Kolb, "Burying the brethren: lutheran funeral sermons as life writing", in Mayer and Woolf, *The rhetorics*, p. 97-113.
10. Donald Stauffer, *English biography before 1700*, Cambridge, Mass., 1930, p. 62, nota; cf. Mayer and Woolf, *The rhetorics*.
11. Stauffer, *English biography*, p. 60, menciona brevemente a "biografia escrita como um prefácio", mas apenas a partir de 1564.
12. Sobre as variedades de biografia, ver a introdução a Mayer and Woolf, *The rhetorics*.
13. Cf. Ruth Morse, "Medieval biography", *Modern Language Review*, 80 (1985), p. 257-68; cf. Morse, *Truth and convention in the Middle Ages*, Cambridge, 1991.
14. Rubin, *Giorgio Vasari*, p. 299.
15. Judith H. Anderson, *Biographical truth: the representation of historical persons in Tudor-Stuart writing*, New Haven, 1984, p. 27-39. Agradeço a David Armitage por esta referência.
16. Southern, *St. Anselm*, p. 219 e ss.
17. Stauffer, *English biography*, p. 218-9.
18. Sobre este tópico o texto clássico é o de Arnaldo Momigliano, *The development of Greek biography*, Cambridge, Mass., 1971.
19. Carlo Ginzburg, "Clues" (1979), reproduzido no seu *Myths, emblems, clues*, London, 1990, p. 96-125.
20. Rudolf Hirzel, *Plutarch*, Leipzig, 1912.
21. Gianvito Resto, *Le epitomi di Plutarco nel '400*, Padua, 1962.
22. Southern, *St. Anselm*, p. 332 e ss.; cf. Rosalind Brooke, "The lives of St. Francis of Assisi", in *Latin biography*, ed. T. A. Dorey, London, 1967, p. 177-202.
23. Antonio de Guevara, *Obras*, vol. 1, ed. E. Blanco, Madrid, 1994. Sobre Guevara, ver Augustin Redondo, *Antonio de Guevara et l'Espagne de son temps*, Genève, 1976.
24. A. R. Birley, "The Augustan History", in *Latin biography*, ed. T. A. Dorey, p. 113-38.
25. Paul Lemonnier, ed., *La vie de Pierre de Ronsard de Claude Binet*, Paris, 1991, p. ix.
26. Alan G. R. Smith, ed., *The anonymous life of William Cecil*, Lewiston, 1990.
27. Timothy Hampton, *Writing from history: the rhetoric of exemplarity in Renaissance literature*, Ithaca, 1990.
28. Baltasar Porreño, *Dictos y hechos del señor rey Don Felipe Segundo*, Cuenca, 1628.
29. Para um estudo de caso, ver Anne-Marie Lecoq, *François I imaginaire*. Paris, 1987. Para reflexões gerais sobre o tema, consultar Peter Burke, "História como alegoria", *Estudos Avançados*, 25 (1995), p. 197-212.
30. Cf. Anderson, *Biographical truth*.
31. Citado do capítulo 50 de David Womersley, *The transformation of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Cambridge, 1988, p. 230.

(Recebido para publicação em maio de 1997)